

A Singularidade da Fé Cristã

Eduardo Ribeiro Mundim

Existem diversas maneiras de entender o mundo, de dar-lhe um significado último. Elas podem, genericamente falando, ser divididas em dois grandes grupos, segundo o pré-conceito que lhes serve de terreno. O grupo das que negam a existência de algo além da humanidade (transcendente a ela), e o das que a aceitam. O primeiro nega a possibilidade de qualquer divindade; o segundo, a aceita. Divindade aqui definida como qualquer ser ou instância que, conscientemente, influencia e/ou determina os rumos dos acontecimentos vivenciados por nós. O primeiro grupo é ateu, o segundo, teísta.

Ao longo da história ambos foram responsáveis por atrocidades, massacres, tirania, opressão e um sem número de atitudes por eles mesmos condenadas. A favor do primeiro, apenas o fato de ser, historicamente, mais recente – a possibilidade da não existência de uma divindade somente ocupou espaço público nos últimos 500 anos¹.

A psicanálise coloca a religião como fruto de circunstâncias desconhecidas e diretamente inacessíveis (inconscientes), sejam individuais ou coletivas. Estas é que desenham a personalidade e história dos deuses, que têm características e atitudes bem humanas (mecanismo batizado por Freud como “projeção”: ver no outro aquilo que não consigo ver em mim, ou que desejo ver, mas não é possível concretizar)². Abandonando a neutralidade científica, critica ferozmente a religião em si³, mas sem unanimidade dentro da própria escola freudiana⁴. Já Jung a via com um potencial construtivo, adotando a perspectiva de que em toda religião há “um sistema terapêutico”. O que não significa endossar uma ou atestar a veracidade doutra. Os ateístas encontram nela e em outras ferramentas (como a sociologia) argumentos científicos para defender sua afirmativa: nada existe além do ser humano, seja força cósmica, seja um ser maior que possa ser chamado deus.

Sendo construção humana, a religião ocupa um lugar no meio da espécie, que pode ser lúgubre (quando manipulada politicamente) ou muito linda, quando vivenciada apropriadamente⁵.

Cada religião exclui as outras, à medida que desenha um(ns) deus(es) que excluem outro(s), sob o risco de, não o fazendo, ser(em) uma quimera sem sentido. Propagar-se como síntese de todas é afirmar ser a síntese superior e diferente de cada uma individualmente; ter aspectos de várias religiões não

1 Mesmo que, na prática, a maioria da população dita cristã o fosse apenas culturalmente, e ainda assim, de modo limitado. Contudo, o universo ideológico era teísta, ou, em certo sentido, religioso.

2 Não é acidental o uso da mitologia greco-romana como exemplo da constituição do nosso aparelho psíquico (complexo de Édipo, narcisismo, dentre outros)

3 ver “O futuro de uma ilusão”, de Freud

4 ver a resposta de Oscar Pfister a Freud em “A ilusão de um futuro”

5 Ver “o que é religião” e “variações sobre a vida e a morte” de Rubem Alves

significa abrigar todos os detalhes de todas...

No mercado religioso, há várias opções à disposição. Cada um fará sua escolha inicial (inclusive a de não visitar o mercado, para os ateístas), conforme sua cultura, criação, perfil ideológico, identidade, etc. Sempre é possível converter-se, escolher outro referencial. E a adoção de determinado esquema obedece a diversos graus de comprometimento pessoal, desde o meramente social (encontros periódicos como cultos e missas) até o vital (recusa em negar sua religião mesmo ao custo da própria vida). E todas as religiões abrigam fiéis dentro deste amplo espectro, e o martírio não é propriedade exclusiva de nenhuma, assim como as ocorrências sobrenaturais (curas, visões, falar em línguas estranhas, etc).

O que chamo de singular, único, na fé cristã? Não é o número de adeptos nominais, nem sua mensagem de amor, nem sua história heróica, nem a relação entre defeitos e virtudes. Muito menos seu clamor de ser "a verdade". Mas a resposta que dá às grandes questões da vida.

O Deus cristão é de tal forma Santo que seu nome não é pronunciável. Introduziu-se a Moisés como "Eu sou", ou "Eu sou aquele que sou"⁶. Nada mais era necessário ser conhecido a respeito de sua identidade que não Suas autosuficiência, radical santidade e atemporalidade. Não lhe deu maiores explicações, mas uma tarefa. Uma vez cumprida, apresenta a proposta de um pacto para com aqueles que libertara⁷, como cumprimento da promessa feita aos patriarcas. Nesta aliança Seu lugar era metaforicamente similar ao dos reis de então, e o do povo, aos vassalos. Felicidade, harmonia, paz, prosperidade eram as consequências do cumprimento por parte dos israelitas.

O Deus cristão não faz longos discursos sobre Si mesmo, mas age. Não explica os grandes mistérios, mas deles toma parte.

Qual a origem última do mal? Não explica. Apenas revela que a raça humana fez/faz uma escolha por ele.

Por que sofremos? Além da óbvia dedução do sofrimento como consequência natural pela escolha do mal (já que a oposta, Sua santidade, o exclui), não responde.

Somos capazes de transformar a realidade à imagem dos nossos mais nobres desejos? Não. Teremos poder para fazê-lo? Não. Construiremos uma sociedade perfeita? Não. Teremos poder para usá-lo indiscriminadamente? Não. Na atual existência, ficaremos livres da Falta, como a descrita pela psicanálise? Não.

Sua resposta é torna-se homem. Eterno, sem ser afetado por noções de passado, presente e futuro, a eles Se submete, como ser humano, assumindo

6 [Livro do Êxodo, capítulo 3 verso 14](#)

7 E o profeta Amós lembra aos seus contemporâneos que tal ação libertadora não fora única, mas que Deus fez o mesmo com outros povos. Cf livro do profeta [Amós, capítulo 9 verso 7](#)

nossos referenciais cronológicos. Sem necessitar de alimento, experimenta a fome. Sem necessitar de abrigo, experimenta ser desabrigado. Sem necessitar de enfrentar situações limites, as escolhe e as enfrenta⁸. As mais variadas emoções humanas entendidas como negativas vivencia sem contrariar sua santidade enquanto Deus, mas sendo simultaneamente homem: raiva⁹, decepção¹⁰, traição, angústia¹¹, solidão¹², luto¹³. Não dá as respostas aos grandes enigmas, mas vivencia-os conosco, assumindo-os como Seus. Retira-lhes a ameaça, geradora de angústia, através da solidariedade profunda conosco.

Nas palavras de uma música conhecida, “pensas mesmo ser tão fácil esquecer do que falei, se na história deste mundo os meus pés empoeirei?”¹⁴

Que outra religião oferece o mesmo?



8 O episódio da tentação no início do seu ministério (cf Evangelho segundo [Mateus, capítulo 4 versos de 1 a 11](#)), a do Getsemani, no final, e a própria paixão (cf no mesmo Evangelho, capítulos [26](#) e [27](#)).

9 Quando expulsa os vendedores do templo (cf Evangelho segundo [Mateus, capítulo 21 versos 12 a 17](#))

10 Quando chora à vista de Jerusalém (cf Evangelho segundo [Lucas, capítulo 19 versos 41 a 44](#))

11 A vivência no Getsemani

12 O brado na cruz: “Deus meu, por que me abandonaste?”

13 Ao chorar pela morte de Lázaro (cf [Evangelho de João, capítulo 11 verso 35](#))

14 Grupo Prisma, cd “Discípulo Teu”, canção “Eu não me esqueci de ti”